

RUBEM BRAGA

COMUNISTAS

FOI com certa melancolia que li a entrevista que Agildo Barata deu a Jânio Freitas, na «Manchete» desta semana. Depois de militar no Partido Comunista durante 22 anos, dos quais 10 na cadeia, o antigo tenentista rompe com a sua direcção e com seu chefe, Luis Carlos Prestes. Isso porque o Partido «entorpeceu-se em dogmas e erigiu um sistema de ditadura interna que o afasta cada vez mais do povo e que mesmo dificulta a aglutinação das forças populares». Quanto a Prestes, afundou-se «numa avalanche de dogmas e erros políticos»... «é hoje um general que desconhece o terreno da luta e até suas próprias tropas». O entrevistado confessa: «há cerca de um ano consegui derrubar um muro que me impedia de ver a realidade».

O que Agildo talvez não goste de reconhecer é que os erros e defeitos que ele descobriu tão recentemente no partido existem pelo menos desde o tempo em que ele entrou para suas fileiras, há mais de 20 anos. Sob o stalinismo, o partido brasileiro, como seus colegas de todo o mundo, sempre foi «teleguiado», isto é, dirigido de longe. Para os marxistas não há nada mais normal; isso se chama unidade de acção. Teóricamente a organização era democrática: representantes de todos os partidos se reuniam para traçar normas de acção, assentar linhas de conduta. Na prática o partido por todos os títulos mais forte — o russo — ditava ordens a todos os outros. Mas mesmo isso parecia natural, pois era preciso admitir que o Partido Russo conhecia melhor do que ninguém os interesses da Rússia como potência, e a defesa desses interesses estava na primeira linha da luta pela sobrevivência e vitória do socialismo em todo o mundo. A admissão disso era tão perfeita que nem Agildo nem nenhum outro comunista estranhou quando Prestes, em um luxo de fidelidade a Moscú, declarou, sem qualquer provocação, que em caso de guerra entre o Brasil e a Rússia ficaria ao lado da Rússia...

Não sei que posição será mais dramática: se a de Prestes e seus colegas da actual direcção do partido insistindo em fazer stalinismo até hoje, se a de Agildo e seus companheiros de dissidência (muitos deles intelectuais) confessando que se agora, depois do famoso XX Congresso, derrubaram o muro que os impedia de ver a verdade. Essa verdade era apregoada no mundo inteiro, mas em vão. Foi preciso que ela fôsse dita oficialmente em Moscú para que pudesse ser acreditada; o ariete para derrubar o muro precisava, ser também, ele, «teleguiado» ou «telempurado» — de Moscú...

Os homens que vivem essa estranha aventura do comunismo no Brasil não são estúpidos, nem ambiciosos ou aventureiros vulgares. São homens que dedicaram praticamente toda sua vida a essa luta; é impossível duvidar de sua sinceridade, de seu espírito de sacrificio — e muitos deles são também homens inteligentes e cultos. Que pessoas assim se sujeitem a uma disciplina mental e até sentimental mais dura que a jesuítica para no fim concluir que estavam erradas, isso me parece desesperadamente triste. Não percebe Agildo que qualquer homem igual a ele que dissesse há 10 anos o que ele hoje diz — e que há 10 anos já era estritamente verdade — seria chamado por Prestes e por ele mesmo de agente do imperialismo, inimigo do proletariado, traidor do povo, vendedor do Brasil?